

O Brasil nas Copas do Mundo: tempo “suspenso” e história

Simoni Lahud Guedes¹

Uma sociedade não pode criar-se nem recriar-se sem criar, ao mesmo tempo, alguma coisa de ideal. Essa criação não é para ela uma espécie de ato suplementar com o qual ela se completaria a si mesma uma vez constituída; é o ato pelo qual ela se faz e se refaz periodicamente. (Durkheim, [1912]1989, p. 500)

*Seleção tá no coração
(Refrão do jingle da TvGlobo para a seleção brasileira, 2002)*

Resumo:

As Copas do Mundo constituem-se, para os brasileiros, em verdadeiros rituais nacionais, ocasiões em que se celebra a brasilidade, construção simbólica da unidade nacional, “suspendendo-se”, de certo modo, as diferenças e desigualdades que permeiam a estrutura social. Para que tal processo se efetive, é necessário que nestes períodos constitua-se um tempo próprio e uma história própria. Este processo supõe a “suspensão” do tempo cotidiano, estabelecendo feriados prolongados e acionando a memória da participação dos selecionados brasileiros nas copas do mundo. Contudo, isto não significa que tais eventos sejam imunes às conjunturas históricas nas quais se realizam, o que se evidencia, em especial, nas discussões sobre as derrotas brasileiras. As avaliações da derrota brasileira na Copa de 1998, na França, são um importante exemplo de como a história penetra neste tempo “suspenso”. Pretende-se refletir, nessa direção, acerca do surgimento da categoria de “estrangeiros” ou “europeus”, que, aplicada a jogadores brasileiros que jogam no exterior, elabora a questão dos mercados transnacionais através do futebol.

¹ Doutora em Antropologia Social, Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política, Universidade Federal Fluminense.

Esta comunicação estrutura-se em três pontos: no primeiro, pretendo argumentar sobre a apropriação do futebol, no Brasil, como um dos principais veículos para realização da nação, em particular nas Copas do Mundo; no segundo ponto, busco acentuar que este processo apóia-se fortemente em uma forma específica produção da memória acerca da relação entre esportes e nação, acionando um “tempo suspenso” e uma história específica que, de certo modo, abstrai os fenômenos sócio-políticos; no terceiro, argumento que as específicas conjunturas históricas reintroduzem-se, com força, nos debates acerca das derrotas².

1. Reconstruindo a nação brasileira nas Copas do Mundo

As sociedades modernas, como se sabe, são atravessadas por um inaudito movimento de integração de mercados e por uma compressão do espaço-tempo pela aceleração da comunicação, dando novos contornos a um fenômeno tão antigo quanto a humanidade: a destruição e recomposição, em outros termos, das fronteiras simbólicas que unem e separam as sociedades. Na modernidade, um dos aspectos que esta dialética unificação/diversificação tem assumido é o do esmaecimento das fronteiras nacionais, às quais se sobrepõem inúmeros e variados mecanismos de atuação transnacionais. Entretanto, são complexos e paradoxais os efeitos deste processo que, em muitos casos, tem provocado o “ressurgimento do nacionalismo” e o “crescimento do fundamentalismo” (cf. Hall, 1999, p. 92, *passim*). As formas modernas assumidas pelas identidades nacionais, bem como os veículos de que se servem, repercutem e interagem com as formas modernas assumidas pela economia e pela política internacionais.

² Esta comunicação resulta de uma série de reflexões que já realizei anteriormente (cf. Guedes, 1977, 1998 e 2000a) e, mais especificamente, conjuga os argumentos desenvolvidos em duas comunicações apresentadas, respectivamente no encontro da ANPUH Regional (Guedes, 2000b) e da ANPUH Nacional (Guedes, 2001).

Neste processo, as mais diversas competições esportivas vêm se constituindo, em todo o mundo, em verdadeiros ritos nacionais, operando-se no espaço e tempo esportivos recriações simbólicas das fronteiras e das diversidades nacionais colocadas em confronto. Como argumenta DaMatta (1979, p. 26-27), é exatamente por serem extremamente fragmentadas que as sociedades modernas tendem a multiplicar os rituais nacionais – dentre eles, os rituais esportivos -, como formas de reforço e recriação da totalidade social, função desnecessária, por exemplo, nas sociedades tribais, já totalizadas. Há diversas implicações nesta concepção das competições esportivas como ritos, que dramatizam valores básicos das sociedades atuais. Mais adiante, voltarei a alguns aspectos da proposta DaMatta.

Talvez pela mesma razão – seu lugar como ritos que recriam a diversidade e a especificidade - , os esportes, os jogos e a dança se constituiriam, na interpretação de Archetti (1999), em “zonas livres” nas sociedades modernas, espaços para a “liberdade e criatividade cultural”. Sob tal perspectiva, uma das formas mais importantes de realização da dialética unificação/diversidade, seria a acentuação específica dos diversos domínios sociais de modo que alguns domínios, em especial os menos “essenciais”, embora igualmente penetrados pela internacionalização de mercados, reteriam como propriedade básica a contínua reinvenção da diversidade, eventualmente nacional. Assim, a peculiaridade e especificidade residiriam nas franjas e interstícios dos sistemas sociais, suas “zonas livres”.

Trata-se, de fato, de uma articulação, historicamente dada e sempre complexa, entre identidade, alteridade e pluralismo (cf. também Augé, 1997). Compreender as culturas nacionais como “comunidades imaginadas”, proposta que nos faz Benedict

Anderson, é um caminho proveitoso nessa direção³. É também nessa direção que Stuart Hall afirmará que “uma cultura nacional é um discurso, um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (1999, p. 50). Do mesmo modo, argumentará que tal construção de sentidos situam-se, basicamente, na memória que se constrói sobre a nação.

No caso brasileiro, o futebol tem se apresentado como um veículo quase insuperável para a produção e reprodução destes discursos sobre a nação e o “povo brasileiro”. Seria nossa “zona livre” mais preta de significados, uma “instituição zero” como a defini em trabalho anterior (Guedes, 1977), propondo uma exigência de significação antes que qualquer significado particular. Privilegiamos a construção da brasilidade na construção da memória sobre o desempenho do selecionado brasileiro de futebol, numa competição específica, as Copas do Mundo quadrienais. Ritos que cercamos do mais deslavado patriotismo, como diria Nelson Rodrigues, permitem que experimentemos essa “comunidade imaginada”, comunidade moral de um modo quase físico, apropriando-nos dos símbolos nacionais e atribuindo-lhes seu sentido mais profundo (DaMatta, 1994). Neste caso, são justamente os recursos tecnológicos da modernidade e, particularmente, dos meios de comunicação, que atuam decisivamente no desenho desta totalidade transformando o tempo destas competições no mais genuíno tempo das nações brasileira. Na verdade, mais do que ritos, seriam o que Augé denomina de “dispositivos rituais ampliados”, estreitamente associados à “espetacularização” do mundo, atributo da contemporaneidade (Augé, 1997).

³ “In the anthropological spirit, then, I propose the following definition of the nation: it is an imagined community – and imagined as both inherently limited and sovereign. It is *imagined* because the members of even the smallest nation will never know most of their fellow-members, meet them, or even hear of them, yet in the minds of each lives the image of their communion.” (Anderson, 1991, p. 6, grifo do autor). Seria interessante confrontar tal proposta com as alterações do processo ritual (estrutura e *communitas*), tal como lido por Victor Turner (1974).

2. Da memória e do esquecimento: suspendendo o tempo

Pretendo ressaltar, neste segundo ponto desta comunicação, dois aspectos da produção da memória neste processo multidimensional, acerca dos quais venho já há algum tempo refletindo (Guedes, 1998). O primeiro refere-se ao privilegiamento do futebol, entre outros esportes, na representação da nação brasileira. O segundo refere-se à potencialidade totalizadora do futebol e à temporalidade implicada nesta propriedade. Pretendo, assim, apontar alguns dos mecanismos pelos quais é continuamente reafirmado o lugar simbólico do futebol, no Brasil, como encarnação e corporificação da nação. Um dos mais fundamentais destes mecanismos é uma forma específica de preservação da memória dos dramas e glórias do selecionado brasileiro de futebol.

Venho observando, há alguns anos, nos trabalhos que tenho feito sobre esta temática, que há uma característica que me parece decisiva para uma sociologia dos esportes no Brasil. Trata-se do fato de que a identificação coletiva pode ocorrer em qualquer esporte, desde que ele seja vitorioso no confronto com outras nações, mesmo que episodicamente. Qualquer vitória de equipe ou indivíduo, com as cores nacionais, é prontamente assumida como representação da nação. Contudo, se incorporamos rápida e facilmente qualquer esporte eventualmente vitorioso, nós os esquecemos também com a mesma rapidez e facilidade nas derrotas. Os nossos inúmeros fracassos em quase todos os esportes, nas competições internacionais, são completamente ignorados. Pode-se seguramente afirmar, assim, que qualquer esporte é potencialmente capaz de acionar a dimensão de brasilidade das identidades sociais, mas só e apenas em caso de triunfo em competições internacionais. Para nós, estes outros esportes só têm heróis, pois só existem quando eles existem. Isto não ocorre com o futebol brasileiro: incorporamos como representativas e importantes todas as nossas vitórias e derrotas. Através do

desempenho dos diversos selecionados brasileiros de futebol, elegemos não apenas heróis mas anti-heróis e vilões, lemos e discutimos o que entendemos como qualidades e defeitos do nosso “povo”, lemos e discutimos a competência ou incompetência, a arrogância ou a humildade de nossas elites dirigentes. Enfim, construímos uma memória que tem continuidade.

Assim, o privilegiamento do futebol como espaço semântico implica na produção contínua do esquecimento e do silêncio sobre o desempenho dos selecionados e jogadores brasileiros nos outros esportes. Sob tal perspectiva, pode-se dizer que construímos, com relação aos esportes como terreno e arena para a produção da nação, dois tipos de história. Uma contínua, retendo como amplamente significativos os fracassos, as derrotas, tanto quanto as vitórias. Outra, descontínua, episódica, plena de silêncios e esquecimentos, que retém e ilumina apenas as vitórias.

As derrotas, no futebol, e, muito particularmente, a *tragédia de 50*, são reconhecidamente construtoras da identidade nacional brasileira, tanto quanto as vitórias (cf. Moura, 1998). A grande derrota que não foi possível ignorar e esquecer marca, de modo indelével, o ponto de inflexão na memória do futebol brasileiro, a partir do qual em todas as Copas do Mundo – mas, observe-se, não em todas as Olimpíadas – nos avaliamos e julgamos.

Uma segunda característica deste processo específico de construção da memória pode ser recuperado através de uma das mais importantes implicações da argumentação de Roberto DaMatta (1979) sobre rituais nacionais. Tais rituais, para acionar a totalidade encobrindo a fragmentação, a diferenciação e a desigualdade que estruturam a vida cotidiana, necessitam, de certo modo, negar a história. Dito de outro modo, precisam acionar dimensões da realidade social, valores e idéias que estejam simbolicamente situados sobre todos os outros. Assim é que, “mesmo numa sociedade

historicamente determinada, podem-se encontrar valores, relações, grupos sociais e ideologias que pretendem estar ao lado e acima do tempo” (DaMatta, 1979, p. 22).

Considerando que um dos princípios fundamentais das competições esportivas, para que tenham significado, é a oposição de unidades da mesma ordem, é apenas nas competições internacionais entre selecionados nacionais que se torna possível vivenciar o futebol como ritual nacional. Na forma como, no Brasil, esta memória é construída, estes momentos são ainda mais selecionados: ocorrem de quatro em quatro anos nas Copas do Mundo de Futebol⁴. Nestes momentos, constitui-se um tempo próprio e uma história própria, apresentados e vividos como suspensos em relação ao tempo histórico. Na medida em que é a nação que está em jogo, as outras disputas e confrontos no futebol são englobados e suspensos nestes períodos, sendo lançados ao esquecimento no mesmo processo e intensidade com que o foco é colocado sobre o nível nacional.

Em cada Copa do Mundo reafirma-se e recria-se a única história que interessa neste momento: a história do desempenho do selecionado brasileiro nas Copas do Mundo. Para a construção deste tempo, de certo modo ahistórico, em que o “valor eterno” nação, como nos ensina DaMatta, é colocado em jogo, é fundamental a participação da imprensa, em especial a esportiva, acionando paulatinamente a dimensão de brasilidade das nossas identidades sociais, operando fortemente com a rememoração de momentos anteriores⁵. Num processo simultâneo, ao mesmo tempo que vamos sendo desligados das questões que atravessam nosso cotidiano, vamos enfocando com mais vigor tudo que cerca o nosso selecionado durante a Copa, interessando-nos por detalhes que, passado o período ritual, nos parecem absurdos. Eu diria, ainda, que provém dos desdobramentos desta característica e do envolvimento

⁴ A participação nas Olimpíadas, por exemplo, por diversas razões, não assumiu, até o momento, no Brasil, o mesmo significado das Copas do Mundo quadrienais promovidas pela FIFA.

emocional que representa, expresso na utilização freqüente da categoria “paixão”, a justificativa das acusações muito comuns de que o futebol é alienante.

A suspensão do tempo do cotidiano, assim como a suspensão simbólica do tempo histórico, para reinaugurar o período ritual festivo em que a nação entra em campo, culmina com os verdadeiros feriados – tempo vazio – que ocorrem nestes jogos do selecionado. Mas é nesse tempo suspenso que uma outra história se escreve: a história na qual nós inscrevemos o modo como queremos nos compreender como nação, como povo, como totalidade. E se, para atualizar e fazer operar este nível da nossa identidade social é preciso, num primeiro momento, que nos “alienemos” da nossa vida cotidiana, todas as nossas diferenças, desigualdades e conflitos se reintroduzem, com facilidade mas jamais de modo linear ou simplesmente especular, nas avaliações que fazemos de nossos fracassos.

3. Como as derrotas reintroduzem a história

Contudo, suspender o tempo não significa suspender a história. E ela penetra, imperceptivelmente, fazendo com as questões de cada conjuntura específica sejam elaboradas nas avaliações que fazemos do desempenho do selecionado brasileiro nos campos de futebol⁵. Este processo fica bastante claro na Copa do Mundo de 1998, ocorrida na França: as questões incorporadas pela discussão desta copa são as que dominam o debate sócio-político do final do século.

Para a minha argumentação, é relevante recordar que o futebol é uma prática que não reconhece fronteiras. Chegou ao final do século mobilizando milhões de pessoas e

⁵ Este processo foi facilmente verificável em 2002, quando inúmeras emissoras de televisão (abertas e a cabo), de rádio e boa parte da imprensa escrita, criaram programas e seções específicas de rememoração das participações brasileiras em Copas anteriores.

⁶ Já afirmava Huizinga, em seu livro clássico, que uma das características fundamentais do jogo é uma espécie de “evasão da vida real” que, entretanto, pode ser a qualquer momento penetrada pela “vida cotidiana” (Huizinga, 1971 [1938], p. 24).

movimentando cifras astronômicas. Não é um dos resultados menos expressivos deste processo de difusão e popularização ímpares do futebol, em especial a partir da década de 1930, a constituição de um mercado internacional em que as mercadorias são os jogadores de futebol que, como mercadorias, não têm pátria.

Contudo, embora transnacional e, de certo modo, apátrida, o futebol é, também, um excelente exemplo de como a difusão de práticas e idéias específicas coloca em operação uma complexa dialética entre homogeneização e diversificação, alteridade e identidade.

Isto porque o futebol e os esportes em geral, arautos que são das corporalidades, práticas e sensibilidades modernas, difusores de idéias como a do *fair-play*, um dos ícones de uma linguagem cada vez mais mundializada, reproduzem esta dialética não tão moderna em diversos níveis e instâncias. Linguagem e corporalidade internacionalmente reconhecidas produzem, entretanto, importantes dimensões simbólicas diferenciadoras, incorporadas, particularmente, na noção de “estilo nacional”.

No futebol à brasileira, por exemplo, situamos o *craque* e o desempenho individual *habilidoso* no centro de nossas concepções. Em face do modo como representamos nosso uso social do corpo através do futebol, valorizamos, acima de tudo, uma forma de jogar designada, muitas vezes, como *futebol-arte*. Ensinamos e estimulamos técnicas e habilidades associadas ao desempenho individual tais como *driblar, fintar, enganar o adversário, ter jogo de cintura, ter toque de bola, ter domínio de bola*. Investimos, portanto, na produção de *craques*.

E temos sido bem sucedidos neste multimilionário mercado mundial, já que produzimos uma mercadoria específica que, de modo geral, alcança alto valor na transações internacionais. Assim, um dos resultados desta específica combinação de

transnacionalismo e nacionalização do futebol é o fato de que os jogadores mais *habilitados* são rapidamente “exportados”. Raramente há condição de mantê-los no país.

Um dos efeitos mais importantes deste fenômeno é que, tendo o Brasil se transformado num exportador de *craques*, os torcedores brasileiros só se irmanam e são representados por seus mais valiosos jogadores quando eles jogam pelo selecionado brasileiro. Se, por um lado, isso é motivo de orgulho nacional, pois produzimos *craques* reverenciados no mundo todo, por outro lado é também um signo da *pobreza* de um país que não pode manter em seu solo seus produtos mais valiosos.

As avaliações da derrota do selecionado brasileiro para o time francês, em 1998, trouxeram, do ponto de vista dos significados que atualizaram e recriaram, uma grande “modernidade” nas formas pelas quais foram elaboradas suas causas.

As derrotas do selecionado nacional de futebol, particularmente nas Copas do Mundo (e isso mais especialmente a partir de 1950), são ocasiões plenas de significado pois, nesse momento, atravessando análises aparentemente neutras, que falam de técnicas e táticas, discute-se e negocia-se uma série de valores e idéias que atravessam a sociedade. As avaliações das derrotas acompanham, muito de perto, os fenômenos sócio-econômicos e as conjunturas políticas específicas em que se inserem. De certo modo, há uma história do Brasil que pode ser recuperada e contada através da história de como nos avaliamos nas Copas do Mundo.

Sob tal ponto de vista, a Copa do Mundo de 1998 é bastante interessante pois, nos debates que se seguiram à derrota brasileira, aparece, sob duas formas interligadas, mas distintas, uma espécie de moralidade jacobina, tematizando a ameaça que os mercados transnacionais representam.

Os dados básicos são aqueles que todos conhecem. A avaliação da derrota centra-se, em primeiro lugar, no episódio que ficou conhecido como o *drama de Ronaldinho*. Mas o que se explicita nos debates, posteriormente, nas tentativas de interpretação do acontecido envolvendo a escalação do jogador, é uma tematização insistente da interferência das grandes firmas transnacionais, patrocinadoras das seleções e dos eventos, nas decisões tomadas pela equipe técnica do selecionado. Ou seja, dito de outro modo, tematiza-se e discute-se, o valor *pátria* ou *nação* versus o poder misterioso e apátrida do mercado. Discute-se, por esta via transversa, esta nova abertura dos portos às nações estrangeiras. Na verdade, não importam muito, sob tal ponto de vista, as conclusões (ou indefinições) deste debate: o que importa é que tomou conta do país e todos se posicionavam em relação a este tema.

A ameaça que o mercado transnacional representa para a nacionalidade também se apresenta, neste momento, sob uma outra forma, correlata a esta primeira, recuperando-se, mais especificamente, através da nossa posição de *exportadores de craques*. Uma categoria assume, a partir daí, importância central nas avaliações do futebol brasileiro: os jogadores do selecionado nacional são divididos entre os *estrangeiros* ou *européus*, aqueles contratados por clubes europeus, e os que ficaram no Brasil, em geral com cotação mais baixa neste mercado.

Uma dimensão importante desta discussão que opõe o mercado à *pátria* concentra-se no paradoxo de que nossos principais *heróis nacionais*, neste rito, são os *estrangeiros* ou *européus*. Devo lembrar, aqui, que utilizamos uma categoria muito significativa para a escolha do selecionado: *convocação*. Nós *convocamos* os jogadores para a seleção brasileira de futebol tal como *convocamos* os jovens para o serviço militar obrigatório e os soldados para a guerra. A presença na seleção brasileira de futebol é, ao mesmo tempo, uma *honraria* e um *dever* mas, sem dúvida, representa

também a possibilidade de ganhar milhões de dólares pois é signo de valor que transforma-se em valor monetário, quase que imediatamente.

A culpabilização dos *jogadores estrangeiros* ou *européus* do futebol brasileiro pela derrota na Copa do Mundo envolve, com bastante clareza, uma avaliação moral que passa pela trajetória da maioria dos jogadores. Em geral, pobres que enriqueceram, são acusados de esquecerem a vida de pobreza, esquecendo e negando suas origens no sentido mais amplo: sua gente, seu país, seus valores. Acusados, direta ou indiretamente, de não se empenharem suficientemente para a obtenção da vitória, de não lutarem, são acusados, de fato, como traidores da *pátria*, vendidos que foram pelos valores monetários.

Esta avaliação toma uma forma cada vez mais clara, sendo o eixo posterior da discussão acerca do desempenho decepcionante do selecionado nas eliminatórias para a Copa de 2002.

O comentarista Márcio Guedes escreve, por exemplo, no jornal O Dia de 17 de agosto de 2000:

O treinador até já passou da hora de dar uma guinada decisiva que será uma mistura de definir o time esquecendo o laboratório e dando prioridade aos jogadores que atuam no Brasil. Ninguém agüenta mais a preguiça e o descompromisso dos “européus”.

Exatamente no mesmo diapasão, dois dias depois, um outro importante cronista do futebol brasileiro, Sérgio Noronha elogia Romário:

O espírito olímpico não depende da idade, a julgar pela reação de Romário, mas certamente depende da vontade e do brio do atleta que considera a melhada da competição uma honra, mais importante que um punhado de dólares.

E conclui:

Mais vale um atleta com o coração nos pés do que três com a cabeça nas cifras.

Nestes debates, o futebol configura-se, assim, como campo de batalha em que se procura defender a *honra e a diversidade nacionais* contra os mecanismos avassaladores dos mercados transnacionais.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, Benedict – Imagined Communities. Reflections on the origin and spread of nationalism. London e New York: Verso, 1991.
- ARCHETTI, Eduardo P. – Masculinities. Football, polo and the tango in Argentina. Oxford, New York: Berg, 1999.
- AUGÉ, Marc – Por uma antropologia dos mundos contemporâneos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- DAMATTA, Roberto – *Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro.* Revista USP, São Paulo, n.22, jun/ago 1994.
- DAMATTA, Roberto – Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro, Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- DURKEIM, Émile – As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Paulinas, 1989.
- GUEDES, Simoni Lahud – *Malandros, caxias e estrangeiros no futebol: de heróis e anti-heróis.* In Gomes, Barbosa e Drummond (orgs.), O Brasil não é para principiantes. Carnavais, malandros e heróis, 20 anos depois. Rio de Janeiro: FGV, 2000a.
- GUEDES, Simoni Lahud – O Brasil no campo de futebol: estudos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: Eduff, 1998.
- GUEDES, Simoni Lahud – O futebol brasileiro: instituição zero. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977.
- GUEDES, Simoni Lahud – *Os heróis nacionais “estrangeiros”: a história nos campos de futebol.* XXI Simpósio Nacional de História, ANPUH, Niterói, 2001.
- GUEDES, Simoni Lahud – *Tempo da nação: as Copas do Mundo como rituais nacionais brasileiros.* ANPUH Regional, Niterói, 2000b.
- HALL, Stuart – A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HUIZINGA, Johan – Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- MOURA, Gisella de Araujo – O Rio corre para o Maracanã. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- TURNER, Victor – O processo ritual. Estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.